

REDAÇÃO
ACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso
Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Officinas de impressão - R. da Atalaia, 154
Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone: 7

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SOBRE A GREVE DE NOVEMBRO

Ação da U. O. N.

Relatório da Comissão Administrativa
apresentado ao Conselho Central

(Conclusão)

Na provincia da Estremadura, onde a organização é restrita, aparte manifestações isoladas de apoio ao movimento, produzidas em Alparça e em Almerim, nada mais houve a afirmar o espírito de consciência da classe operária.

Onde essa consciência se revelou, em manifestações de inequívoca solidariedade com um movimento que se impunha pela sua justiça, foi numa parte da provincia do Alentejo, naquella região onde os homens de trabalho não negam cooperar com o seu esforço, sempre animado com entusiasmo, na luta pela melhoria da situação económica dos que produzem, embora por isso mesmo eles as suas organizações de classe sejam especialmente visadas pelas autoridades, que não cessam de perseguir-lhes.

O proletariado da cidade de Evora conservou-se, durante oito dias em greve, numa unanimidade admirável, havendo tido, também uma bela conduta muitas das populações rurais do distrito, nomeadamente as de Redondo, S. Manços, Torre de Coelheiros, Montemor, S. Tiago do Escoural, etc., solidária tendo sido também a população trabalhadora de Souz, no distrito de Portalegre, e, no distrito de Beja, os valentes camaradas do concelho de Odemira, especialmente os do Vale de S. Tiago e os daquella vila, que lutaram esforçadamente pelo triunfo das reclamações da U. O. N., motivo porque, fracassado o movimento, quasi todos os elementos de maior combatividade foram vítimas das mais violentas perseguições, que chegaram a deportação para Loanda, sem julgamento nem processo, de trinta camaradas nossos.

Na provincia do Algarve também o movimento de 13 de Novembro foi secundado com fé, especialmente em Portimão, onde a respectiva população operária, sobretudo o elemento marítimo, batalhou com vigor pela consecução das reclamações da Central dos Sindicatos, debruçando-se, por vezes, com tropa, que matou alguns camaradas nossos, havendo ainda sido duramente perseguidos, por virtude da greve, vários elementos que a causa operária, com prestado bons serviços, entre estes José Buisel e Neves Anacleto. Também em Ollhão os operários solidários se conduziram bem, tendo estado sete dias parados.

O operariado de Setúbal, apesar de algo dividido por lutas intestinas, a que urge pôr termo, não deixou perder em suas tradições revolucionárias, comportando-se, perante a greve, da maneira briosa, só tendo retomado o trabalho após indicação que nesse sentido lhe foi dada pela U. O. N. Bem se conduziu também o proletariado de Silves, que acompanhou com dedicação o movimento, especialmente o elemento corticeiro, havendo sido presos alguns camaradas pertencentes a esta corporação.

O proletariado de Lisboa, que habitualmente sabe solidarizar-se com todos os movimentos de ordem económica e social que se caracterizam por um grande fundo de justiça, não honrou desta vez as suas tradições revolucionárias, antes se distinguiu por uma atitude de hesitação que surpreendeu até os mais scepticos.

Ninguém diria, ao vê-lo manifestar-se nas grandes reuniões que precederam o movimento, que, perante este, se conduziu com a frialdade que verificamos, parecendo-nos que não tinha então a verdadeira noção da importância do acontecimento, que se estava desdobrando, nem das consequências a que a sua atitude poderia dar lugar em relação a aquellas das corporações que, conscientes dos seus deveres, haviam ido para a luta plenas de fé e de consciência.

Clemenceau e a C. G. T.

Mentira - Razão de Estado

Cumprindo uma resolução do Comité Confederal Nacional, em 3.º de Maio, pela C. G. T. italiana, uma delegação de militantes operários das grandes cidades francesas foi expor a Clemenceau as reivindicações de momento da classe trabalhadora: desmobilização, amnistia, não intervenção na Rússia.

E Clemenceau fez toda a espécie de promessas.

Quanto à desmobilização, que já havia cerca de dois milhões de homens desmobilizados e que o resto há de ser desmobilizado logo que esteja firmado o tratado da paz.

A respeito da amnistia, podiam os delegados ficar certos de que muito breve seria tomada uma medida de pacificação o mais ampla possível. Serão amnistiados todos os delitos militares, incluindo insubordinações, mas excluindo os crimes de traição. O governo reserva para si o direito, em todo o caso, de examinar certos casos especiais.

Quanto à intervenção na Rússia, declarou o chefe do governo ser opinião sua que nenhuma interferência deve haver nos negócios internos da Rússia. O governo francês ordenou ultimamente a evacuação dos territórios russos e nomeadamente em Odessa, e quando elle tiver a certeza de que os povos amigos da França e vizinhos da Rússia poderão viver livremente a coberto dos ataques das legiões russas, serão repatriadas as

O TRATADO DE BREST-VERSALHES

UMA PROCLAMAÇÃO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

A Junta Central executiva da Internacional Comunista - a Terceira Internacional, de iniciativa bolchevista - radiotelegrafou ao mundo a proclamação seguinte:

«Os Governos, que há cinco anos desencadearam a guerra mundial de banditismo, entregaram em Versalhes aos representantes da burguesia alemã as chamadas condições de paz. Cada parágrafo de tal tratado é um nó corredo, a estrangular este ou aquele povo. A burguesia dos países Aliados pretende mutilar a Alemanha.

«Os imperialistas da Entente emprenderam uma expedição de carrascos contra a República dos Sovietes húngaros, lançando bandos de selvagens sobre Budapest, inspirados no Cem-Negros russos de Koltchak, Denikine, Krasnov, na sua luta sangrenta contra a classe operária e rural russa. Oprimem a República soviética bávara de Munich, desarmam as tropas revolucionárias de Bulgária, sufocam o movimento popular e revolucionário na Sérvia e na Eslovénia. Depois da paz de Versalhes, são cortadas todas as pontes.

«Os poucos operários que morderam a isca da Liga das Nações, a classe operária alemã, os trabalhadores e comunistas de todos os países compreenderão que as condições de paz de Versalhes são um golpe dirigido contra o proletariado internacional e que só poderá ser apurado com as forças reunidas do proletariado de todos os países.

«O partido de Scheidemann e de Ebert desde o primeiro dia da revolução alemã que dança submisso ao som da flauta de Clemenceau. O governo de Scheidemann, cumprindo os ordens da burguesia de Londres e de Paris, já exterminou algumas dezenas de milhares de operários comunistas. Sempre que o fluxo do movimento operário na Alemanha se torna mais forte e de cada vez que os trabalhadores famintos falam em estabelecer ali o poder dos Sovietes, as Potências Aliadas recusam ao povo germânico um pedaço de pão.

«Operários franceses, ingleses, americanos, italianos, alemães e austríacos, operários conscientes de todo o mundo, temos a certeza de que cumprimos o vosso dever, a despeito dos conselhos dos Scheidemann e dos Noske.

«A emancipação dos oprimidos está na revolução mundial do proletariado. Da lição de Versalhes virá a ditadura do proletariado.

«Abaixo a paz de Versalhes! Viva o regime de Sovietes! - O presidente da Junta Central Executiva da Internacional, Zinoviev.

O famigerado Koltchak

A imprensa burguesa tem ultimamente falado pouco do avanço de Koltchak, o ditador siberiano. Porque será? O mistério é explicado por um radiograma de Chicherin: o almirante tsarista levou abundantemente taponas.

Depois de ter concentrado grandes forças na região do curso médio do rio Bieláia, iniciou a sua ofensiva em fins de Março na zona de Ufa-Birsk. Aproveitando as vias férreas à sua disposição, seguiu com rapidez a retirada bolchevista, em 20 de Abril ocupou Bugurslane, Sergueievsk e Chistopol, enquanto os bolcheviques retiravam para o norte do rio Viatka e ao sul sobre Orenburgo.

Mas aquilo foi sol de pouca duração. Chegaram os reforços do exército vermelho, que, no começo de Maio, fez uma contra-offensiva fulminante, retomando as localidades ocupadas.

Para salvar a situação, Koltchak arrebatou para o combate as suas últimas reservas, mas estas foram a seu turno destruídas, e as tropas do ditador debandaram em desordenado ao longo do Bieláia.

Agora é de Petrogrado que nos falam... Petrogrado fica na orla, a sua perda não seria um golpe de morte... Mas aguardemos com paciência.

Hay que distinguir

Apresenta O Combate, diário socialista, a marcha do movimento operário dos últimos tempos, e repara que não tem sido gloriosas as greves recentes, «nem sequer outros movimentos, como o anunciado, sobre a carestia da vida, e que, infelizmente, constituiu um fracasso bem pouco lisonjeiro».

A organização operária conta no seu activo derrotas, mas também conta vitórias, o que significa que de algum modo se tem afirmado, podendo acrescentar-se ainda que em todas as conjuncturas, boas ou más, tem tido a coragem de assumir a responsabilidade dos seus actos.

Não se pode dizer o mesmo do partido de que O Combate é órgão, porque não nos consta que no campo revolucionário haja tido derrotas ou vitórias, o que quer dizer que apenas tem produzido... palavras.

E mais palavras nos anuncia O Combate ao dizer-nos que o esforço dos deputados socialistas no actual parlamento não se poupará a fazer ouvir nas altas regiões do Estado a voz tremenda da justiça que assiste às reclamações do operariado.

Seria de temer que o operariado se visse compelido a desistir do sindicalismo se a acção daquele partido saísse do campo do palavreado. Como isso não sucede, todos nós dormimos tranquilos.

Os operários tecelões de seda da fábrica do sr. Albino Soares da Silva, mantêm as suas reclamações de 1980 e 30 % de subvenção, com oito horas de trabalho.

UM DIA DE FESTA OPERÁRIA

De Lisboa a Vila Franca

Reina grande entusiasmo em todas as classes operárias:

As chuvas imprevistas destes últimos dias vão cessar. O tempo mudará. E tudo leva a crer que em 15 do corrente, dia em que se realiza o belo passeio fluvial à Barra, e a Vila Franca, estará magnífico. Não podia realmente ser melhor a época escolhida. No mês de Junho desaparecem já os rigores invernais sem terem chegado ainda os calores incómodos do verão. E sob um céu resplandecente de primavera, na superfície espelhetada do Tejo soberbo, com as perspectivas panorâmicas que a cidade de Lisboa nos oferece, patenteando-se nos loges depois as margens videntes do rio que as fúlgidas camonanas povoam, já ante a nossa imaginação se pinta todo o irresistível encanto do passeio fluvial que uma comissão de amigos, nossos, promove em homenagem, e a favor de A. Batalha.

A bordo do vapor em que a excursão se realiza - o Alentejo - tocará a Sociedade Musical do Beato, cuja banda, tendo já um repertório notável, presentemente ensaia o hino revolucionário A. Batalha, e outras peças de significação social.

O Alentejo, o belo barco do Sul e Sueste aparecer-nos há no dia 15, ansiosamente esperado, com aspecto inteiramente novo, todo ele vistosamente engalanado com as bandeiras sindicais.

Nas classes marítimas, e em todas as outras classes operárias, de resto, está o passeio despertando um entusiasmo que de dia para dia se acentua. Os bilhetes tem tido uma procura extraordinária. E não é muito difícil calcular que muito breve se esgotarão. Por isso convenientemente será se apressarem os camaradas a quem desagradável seria ficar em terra nesse dia.

Em 15 de Maio, o belo barco do Sul e Sueste, como temos dito, de um escudo, na administração de A. Batalha se encontram eles à venda, bem como na associação dos fabricantes de armas, Campo de Santa Clara, 87, e noutros locais já por nós mencionados.

Operários da C. U. F.

Mantêm-se o movimento

Realizou-se ontem, pelas 19 horas, uma sessão de propaganda na sede da secção da Associação de classe do pessoal da C. U. F., em Lisboa.

Fizeram uso da palavra os camaradas Leonel Augusto da Silva, Adolfo Gonçalves, Armando Rodrigues, José Ferreira, José Serra e Lino de Almeida, que verberaram a intervenção do governo, que pretende furar a greve do pessoal da fábrica da rua 24 de Julho, exercendo para isso toda a casta de violências. Referiram-se também à vergonhosa atitude de alguns amarelos, que se prestam a favorecer o potentado Alfredo da Silva, contra os operários conscientes.

Vários camaradas revelaram a assembleia revoltantes factos que se passam na fábrica, onde os poucos amarelos trabalham bem a paga da sua tração, pois são tratados brutalmente pelos encarregados, que chegam a agredir os violentamente.

Os delegados da Federação da Construção Civil, que assistiram à reunião, usaram também da palavra, declarando estar a construção ao lado dos grevistas para o que for necessário.

A reunião foi encerrada com vivas à greve.

Pré pressos por questões sociais

Promovida pela Comissão de Propaganda Social Pintores da Construção Civil, realizou-se ontem, uma sessão pré libertação dos camaradas presos por questões sociais, estando presentes os camaradas José Marques, Pedro Portela, Alfredo Pinto e João de Almeida, delegados, respectivamente, da Juventude Sindicalista, U. O. N., U. S. O. e Núcleo da Juventude Sindicalista de Chelas.

Todos os camaradas foram unânimes em afirmar a necessidade de se promover o maior número de sessões no intuito de agitar as classes trabalhadoras para levar a cabo a libertação dos nossos camaradas deportados em Loanda. Sobre o mesmo assunto falaram ainda os seguintes camaradas: João Jorge, Jorge de Oliveira Diogo Homénio Júnior e José Ferreira Miguel, sendo os oradores no final muito aplaudidos. Também foi lido e aprovado pela numerosa assembleia um protesto, apresentado pelo camarada José Marques, sobre a atitude de alguns deputados.

Batata podre

Informa-nos um camarada que trabalha na Exploração do porto de Lisboa que de 13:700 sacas de batata que se encontravam no entreposto de Santos, Armazem A, apenas se aproveitaram umas 3300 sacas, porque as restantes estavam podres, como noticiámos há tempo.

Mais nos informo o mesmo camarada que da restante batata inutilizada pela acção do tempo, vendeu o ministério das subsistências umas 150 sacas às ovariadas que fazem venda na Ribeira, e que estas, por sua vez, venderam ao público, a despeito do referido tuberculoso estar em adiantado estado de putrefacção.

Sem comentários

As greves

Corticeiros de Evora

Continua no mesmo pé a greve dos corticeiros, mantendo-se os industriais na maior intransigência e estando os operários dispostos a não retomar o trabalho, sem que lhes sejam garantidas as revalidas obtidas na última greve. Todo o operariado organizado tem mandado para com os grevistas a maior solidariedade moral e material.

Realizou-se no dia 2 do corrente, pelas 18 horas, uma importante reunião, com a presença do delegado da Federação Corticeira, Francisco Pincho. Este camarada, que falou em primeiro lugar, assegurou à assembleia a simpatia da classe corticeira do país, a qual, em caso de necessidade, está preparada para se lançar num movimento grevista de solidariedade.

«Se se evitar esse novo conflito, se os industriais se resolverem a transigir com os corticeiros de Evora, declara perentoriamente o camarada Pincho. Falaram ainda os camaradas Alvaro Diniz, Jacinto Torquato e Heitor da Veiga, que presidia, sendo a sessão encerrada com vivas à classe corticeira, à Federação da indústria, à classe operária organizada, e uma saudação a A. Batalha.

No dia 3 pretendiam os industriais embarcar 2:500 fardos de cortice, ao que os grevistas se opuseram, pedindo a solidariedade dos camaradas corticeiros, que imediatamente voltaram com as cargas para as fábricas. No caso de se tentar fazer o embarque por meio da força, isso será impedido pelos camaradas descarregadores dos caminhos de ferro.

Operários alfaiates

Reuniu às 21, e apreciou o resultado da demarcação feita pela comissão junto do industrial proprietário da Casa Africana, que não quis atender o seu pessoal, pelo que o mesmo pessoal resolveu voltar-lhe a greve até serem atendidas as reclamações, apelando para todos os seus camaradas para que não viessem trabalhar à mesma casa enquanto não assinarem a base de acordo de 40 %, aceite já pela maioria dos industriais.

A. C. G. T. em face da situação

Em 26 e 27 de Maio, reuniu-se o Comité Confederal Nacional da A. C. G. T. francesa, tomando importantes decisões de actualidade.

Já A. Batalha inseriu uma delas: as federações dirigidas aos marinheiros franceses do Mar Negro, que recusaram combater os revolucionários russos e obrigaram o governo francês a retirar de lá as suas forças.

Vamos dar aos nossos leitores as restantes moções, sem poder reproduzir um resumo dos debates, pela sua demasiada extensão.

As oito horas

Na moção sobre este assunto, o Comité começou por garantir às Federações nacionais a solidariedade da acção operária para quebrar as resistências patronais e assegurar a aplicação integral do dia de 8 horas ou da semana de 48 horas o máximo, em todos os ramos da actividade económica.

O Comité protesta contra quaisquer regimes de transição e contra as contemporizações e vagares na execução da lei, prometendo fazer pressão com todas as suas forças para que os poderes públicos não demorem os regulamentos.

O Comité não admite exclusão alguma dos benefícios da lei, contra qualquer categoria de trabalhadores, nacionais ou estrangeiros, protestando por isso com a maior energia contra a exclusão dos trabalhadores rurais, assim como dos salarizados do Estado, departamentos e comunas.

Como complemento da 8 horas é decidida uma activa campanha de propaganda e acção sindical em favor da reforma do alojamento, da habitação e das condições de vida social da classe operária.

Conselho Jurídico da U. O. N.

Julgamentos

Responderam ante-ontem no 4.º juízo de investigação criminal, na Boa Hora, este operários da União Fabril, acusados, como os dois que no dia anterior haviam respondido e sido absolvidos, de ameaçarem e agredirem operários, da mesma União Fabril, que furaram a greve.

Destes sete que responderam na quarta-feira, seis foram absolvidos e um condenado em três dias de prisão sofreda e em dez escudos de multa. Foi defendido o consultor jurídico da U. O. N., dr. Sobral de Campos.

Os operários grevistas da U. F., que assistiram ao julgamento, cotisaram-se para pagar a multa ao camarada que fora condenado, evitando, assim, com esse acto de solidariedade, que elle tivesse de recolher à prisão novamente pela não liquidação daquela importância.

NA ALEMANHA

Os metalúrgicos decidem ir para a greve

NURENBERG, 5.-Reuniu a assembleia dos empregados da indústria metalúrgica, decidindo participar da greve que procuram se estender a toda a Alemanha.

Sem comentários

PELAS 8 HORAS

A atitude dos empregados do comércio

Descreve-no-lhe um membro da comissão promotora de sessões de propaganda

E' a classe dos empregados do comércio das que mais se têm preocupado com o decreto das oito horas, que em 19 do corrente mês deve entrar em vigor. Os assalariados do comércio tem em vista uma condição muito especial, por directamente a eles se referir grande número das suas disposições, algumas das quais inaceitáveis.

Acresce ainda que o patronato comercial desde que soube da existência do decreto em questão, com outra coisa mais se não tem preocupado senão com a exclusão desta classe da lei das oito horas, o que convenceu está que há de conseguir.

Outra coisa se não desprende das notas das associações comerciais lançadas a público, e nas quais os patrões chegam a afirmar que o decreto deve ser revogado na parte respeitante a empregados do comércio porque... empregados e patrões se dão por satisfeitos com as leis e regulamentos anteriores.

A esta campanha do patronato contra a lei 5516 responderam os trabalhadores do comércio do norte do país com uma altivez e hombridade dignas de admiração, em vibrantes manifestações de protesto, realizando sessões, promovendo, por toda a zona norte, grandiosos comícios onde fortes afirmações fizeram que significam a classe e a tornam digna de figurar ao lado das restantes classes trabalhadoras organizadas.

Já nos admirávamos que a organização do caxeiro do sul não se quisesse o exemplo da sua congénere do norte, quando à redacção de A. Batalha chega a notícia de que uma comissão nomeada numa assembleia magna da classe resolveu levar a efeito um grande comício público a fim de assentar no caminho a seguir para impedir que o patronato levasse a bom termo os seus intentos, e que a classe agisse, chegado fosse o momento e respeitadas não fossem as disposições da lei em seu abono. Para dar ao comício a maior importância possível deliberou a comissão - segundo nos comunicou - realizar diariamente, e em diversos pontos da capital, sessões de propaganda e de preparação para a grandiosa assembleia projectada.

Não era indiferentemente que assistamos aos trabalhos dessa comissão composta de rapazes energéticos e trabalhadores.

O movimento que ultimamente notávamos nos empregados do comércio de Lisboa agradava-nos porque nos fez acreditar que podia finalmente a organização operária contar com uma classe que tudo demonstrava parecer organizar-se e preparar-se para a luta.

As sessões preparatórias realizaram-se, de facto, e nelas se fizeram representantes a U. O. N. e a U. S. O., cujos delegados ali iam apresentar aos novos organizadores os protestos de simpatia e solidariedade do restante proletariado português.

Súbito as sessões pararam. Nunca mais ouvimos falar em comício, nem aos nossos ouvidos chegaram notícias de sessões que marcadas haviam sido já. Sem sabermos de que atribuição o facto, resolvemos tirar-nos dos nossos cuidados e vá de procurar a comissão para pedir-lhe um esclarecimento que nos elucidasse.

As sessões não continuam porque a Federação resolveu suspender-las

Quis um feliz acaso ajudar-nos na nossa tarefa, deparando-nos um dos membros da comissão que procurávamos e que à nossa administração veio com um bilhete para o passeio fluvial a Vila Franca.

Apegamo-nos a esse camarada, interrogando-o:

«Então em que ficaram as vossas sessões de propaganda?»

«Já não prosseguem - responde-nos - porque a Federação não quer que continuem.

«Não quer?»

«Eu explico: a comissão a que eu pertencia tinha como objectivo promover uma série de sessões de propaganda em todos os bairros; sessões que seriam de preparação do comício que havíamos resolvido realizar para levarmos a classe a manifestar-se numa forma decisiva sobre a greve.

«Mas não esteve pelo ajuste o camarada Guilherme António Pequeno, que foi o iniciador do movimento para a melhoria da situação económica dos seus companheiros de oficina, e que se recusou a retomar o trabalho por não se conformar com o aumento irrisório concedido pelo sr. Camacho, ao seu pessoal, ficando por conseguinte, sem o seu pão.

Operários sirigueiros

Já por vezes, e nestas colunas, nos temos referido ao sr. Rafael Camacho, industrial sirigueiro, com oficina na rua Arantes Pedrosa.

O sr. Camacho, que despedira todo o seu pessoal em consequência da reclamação de aumento de salário que este lhe fizera, reconsiderou sobre o assunto e resolveu readmitir o mesmo pessoal, concedendo-lhe um aumento entre quatro e trinta centavos, pelo que retomado o trabalho, entrasse em laboração a sua oficina.

Só não esteve pelo ajuste o camarada Guilherme António Pequeno, que foi o iniciador do movimento para a melhoria da situação económica dos seus companheiros de oficina, e que se recusou a retomar o trabalho por não se conformar com o aumento irrisório concedido pelo sr. Camacho, ao seu pessoal, ficando por conseguinte, sem o seu pão.

bre o magno problema do horário de trabalho

As sessões seguiam, com a acção da Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, que em todas elas se fez representar, quando numa das noites da semana passada, a comissão é chamada junto da Federação, que nos comunica que não devíamos realizar, por enquanto, mais sessões, pois que ela, Federação, as julgava extemporâneas.

E' claro que, em virtude desta deliberação, a comissão considerou-se dissolvida, visto que não concordava com tal resolução, que vinha destruir todo o trabalho até aqui realizado.

«O certo é que vocês não devem consentir que o decreto seja revogado, nem mesmo alterado, na parte que vos diz respeito.

«Alterado queremos nós que ele seja, e isso queríamos dizer à classe. E' que o decreto não pode entrar em vigor como está, porque dá lugar a interpretações várias no que seremos prejudicados.

«Nós não queremos que o decreto das oito horas obrigue os caixeiros a trabalhar doze, sem ganhar mais por isso.

Emquanto os patrões se mexem, os empregados ficam calados

«Mas que razões vos apresentou a vossa Federação para justificar a sua mudança de opinião?

«Razões, algumas, mas nenhuma plausível.

«Se não, repare: a Federação disse-nos que as sessões deviam suspender-se enquanto se tratava junto do governo e das classes patronais da regulamentação do horário.

«Note-se, porém, que os comerciantes não vão, apesar de terem, como nós, representação nessa tal comissão, - que deve elaborar o regulamento, não descuram o assunto cá fora, instando constantemente, por sessões, por circular, pela imprensa, junto dos seus colegas para que eles não aceitem o decreto aludido.

«A classe patronal, muito mais forte do que nós, muito mais unida do que nós não tem deixado de agir, simultaneamente, junto do governo e junto do comércio, e a nossa classe, de assalariados, que muito mais interesse tem em que o decreto seja cumprido do que aquelas em que sucede o contrário, a nossa classe deve calar-se, aquietar-se, porque a Federação entende que isso é necessário para o bom andamento dos trabalhos.

«Outra razão apresentada pela Federação é de que nós, comissão, nos temos aproveitado das sessões para fazer propaganda do sindicato único da classe.

«Sobre este assunto muito teria eu que dizer-lhe, camarada, e não deixei de dizer-lho quando, de outra vez, tínhamos mais vagar.

«Em todo o caso, dir-lhe hei que, a parte um ou dois elementos da classe que estão à frente da organização, todos os empregados do comércio que tem alguns conhecimentos dos princípios associativos são de opinião de que o momento é oportuníssimo para a organização da classe, e essa organização só será perfeita quando os dez sindicatos da classe em Lisboa se fundirem num só sindicato.

«Chamava-nos o nosso serviço de reportagem e fomos obrigados a manifestar-lhe ao nosso entrevistado pretendendo pôr ponto no assunto, que é melindroso, com as seguintes palavras que lhe dirigimos ainda:

«Pois é pena, rapaz. E' pena que vocês não sigam o exemplo dos vossos colegas do Porto.

«Nós? Mas nós não queremos outra coisa senão melhor ainda, se for possível. Já mas calcule como poderemos fazer isso enquanto tivermos como presidente da nossa Federação um colega que diz que andamos mal em dar sessões em associações operárias estranhas à classe!

«Sim? Pois havemos de falar do caso com mais vagar, havemos.

E assim nos separámos do nosso camarada trabalhador do comércio, que nos deixou atendendo uma reclamação de operários despedidos.

Greve que se sufocou

PARIS, 4.-Depois da entrevista do comité de greve com a direcção dos Armazéns do Printemps, foi resolvido que as grevistas voltassem amanhã ao trabalho.

Sem comentários

PROMOTORA—Espectáculos e concertos
das seguintes sociedades e artistas locais.